

CEDI
1.288
381217

Índios - matança e exploração
A IMAGEM DO BRASIL



Seringueiros torturam uma índia: esta é a imagem do Brasil na Europa?

A 91 jornalistas europeus, que lhe foram apresentados pelo presidente da Associação Brasileira de Imprensa, jornalista Danton Jobim, o Presidente Garrastazu Medici disse palavras corteses mas firmes: "Neste momento, em alguns países, se faz uma tenaz campanha contra o Brasil; e isso porque acusam o governo brasileiro de genocídio contra os seus índios". E o presidente, ainda com cortesia e firmeza, lançou — na quinta-feira passada, em Brasília — o convite que é ao mesmo tempo um desafio aos jornalistas estrangeiros: "Transmitam a seus companheiros que tanto atacam o Brasil na Europa, que visitem o país por conta do governo, que os mandará levar às nossas regiões de índios e, lá, verificarão que nada do que se diz na Europa expressa a verdade".

Que é que se diz na Europa sobre os índios brasileiros? Coisas fantásticas e absurdas, misturadas com fatos reais e provados. O próprio início da campanha contra o Brasil — que culminou com manifestações de rua na Suécia e na Alemanha e até ameaças às representações diplomáticas brasileiras — foi claramente fantástico. Em setembro, o etnólogo sueco Lars Persson contou à imprensa, em Estocolmo, uma história absurda: "Um membro da Embaixada brasileira em Ottawa denunciou-me que seu governo havia encomendado no Canadá doze aeroplanos do tipo De Havilland-Caribou. Com bombas de napalm, mais tarde, os aviões iriam ser empregados numa campanha contra os índios, neste outono".

Essa é uma afirmação absurda, mas nos relatórios brasileiros sobre o extinto SPI há coisas assim: proprietários de terras, em Pedro Afonso, mataram cem homens da tribo dos craós. Em Aripuanã, aviões jogaram dinamite sobre cintas-largas. Aos maxacalis e cancelas, donos de terras deram aguardente e atiradores assalariados mataram os índios bêbados. Os nhambiquaras foram ceifados por fogo de metralhadora. Índios pataxós foram exterminados por meio de injeções de varíola. Em 27 anos, de 1940 a 1967, o número de mundurucus baixou de 19 000 para 1 200; de 4 000 carajás, sobravam 400; dos 10 000 cintas-largas havia somente 500 sobreviventes.

Genocídio deliberado? — Mas é impossível dizer que exista uma política oficial de extermínio — ao contrário do que se afirma na Europa — dos primeiros donos do país. Nem mesmo a população "branca" do Brasil é hostil aos índios —

apenas um pequeno número de "civilizados" de todas as cores, brancos, negros, amarelos e vermelhos, usa de todos os meios para afastar os "selvagens" de terras férteis ou ricas em minérios. Segundo o procurador-geral Jäder de Figueiredo, foram roubadas aos índios, em dez anos, terras no valor de trilhões de cruzeiros velhos. Para desocupar as terras dos tapaiúnas, por exemplo, deram-lhes um presente mortífero: açúcar misturado com arsênico. Ramis Beair, funcionário do extinto SPI, contou: "Uma expedição subiu o rio Arinos com presentes e muitos alimentos para os beijos-de-pau — os gêneros alimentícios misturados com arsênico e formicida. No dia seguinte, muitos índios morreram. Os brancos espalharam o boato de que os índios te-

riam sido vitimados por uma epidemia.

A Imagem do Brasil — Essas histórias e outras, verdadeiras ou não, correm pela Europa. Na segunda semana de outubro passado, 2 200 cientistas sociais reunidos em Gottingen, na Alemanha Ocidental — eram antropólogos alemães, austríacos e suíços — estudaram o inquérito sobre o SPI e exigiram "firme garantia para os direitos vitais dos índios brasileiros e o castigo dos culpados". A direção da Cruz Vermelha Internacional deu a entender que levantaria a questão junto ao governo brasileiro. A Embaixada do Brasil em Bonn reagiu: informou que, em 1967, o governo federal já havia tomado providências contra os culpados (o inquérito sobre o SPI). Mas a revista ale-

mã "Der Spiegel", em seguida, fêz uso de argumento logo encampado por outras publicações da Europa: "De fato, nunca um assassino de índios foi condenado por um tribunal". (Esta revista, como o etnólogo sueco Persson, também conta histórias fantásticas. Por exemplo: "As quantias aplicadas no suborno dos funcionários do SPI provinham muitas vezes dos bolsos de homens poderosos que — como o Senador Filinto Muller, antigo governador do Estado de Mato Grosso, ou o ex-Ministro do Exterior Juracy Magalhães — estão interessados na exploração econômico-industrial das antigas regiões de índios".) E o jornalista inglês Norman Lewis, do "Sunday Times" de Londres — sua série sobre o genocídio de índios no Brasil foi também publicada em "Der Spiegel" — baseou-se apenas em relatórios do Ministério do Interior e em observações comprováveis. Assim, a imagem do Brasil, em várias publicações européias, está sendo descolorida por manchas fantásticas, mas também por manchas verdadeiras. Ao lado das versões absurdas sobre "política deliberada de genocídios", a revista "L'Espresso", da Itália, chega ao fundo da questão: "O que é que um não-consumidor quer, numa sociedade de consumidores?" — isto é, como, sem a intervenção das autoridades, o índio pode sobreviver ao enfrentar os "pioneiros" ignorantes de uma sociedade em desenvolvimento, os quais, não podendo integrá-lo, procuram expulsá-lo e, em casos extremos, até matá-lo?

lito de tamanha intensidade". Na semana passada, o Ministro Costa Cavalcanti voltou a falar sobre os índios: "O que o governo não nega é o estado de lutas esparsas — mas não sistemáticas — entre brancos e índios pela posse da terra". Se muitos jornalistas europeus atenderem ao convite-desafio do Presidente Garrastazu Medici, todos eles poderão concluir que esse estado de lutas não é o resultado de uma política deliberada — mas alguns poderão afirmar que há omissão das autoridades locais. Poderão insistir em que os responsáveis pela matança dos índios não foram punidos. E a imagem do Brasil na Europa continuará com algumas manchas.

1. **As providências** — Além do convite formulado pelo Presidente Garrastazu Medici aos jornalistas europeus, para que venham ver realmente como o índio é tratado nas reservas federais, o governo toma outras providências para esclarecer as coisas. A pedido do Ministro do Interior Costa Cavalcanti, reuniram-se funcionários dos ministérios do Interior e das Relações Exteriores, do Conselho de Segurança Nacional e da Fundação Nacional do Índio. Objetivo da reunião: "um novo levantamento de dados, para uma campanha de esclarecimento da opinião pública européia". Primeira consequência imediata, de ordem prática, dessa reunião, segundo o presidente da Funai, José Gama Malcher: "Realizar uma filtragem mais rigorosa dos estrangeiros que entram no país. As áreas da Funai só serão franqueadas a verdadeiros antropólogos". Um documento foi distribuído às embaixadas estrangeiras, em que o Ministério do Interior critica "o mau vêzo de algumas agências estrangeiras em dar guarida a distorções feitas por certos antropólogos, ou pseudo-antropólogos, sequeiros de notoriedade, provocando organizações mundiais ou nacionais a um julgamento sem provas e, sobretudo, sem audiência do acusado, para condenar injustamente uma nação cristã por um de-